



Publicado em: 12.02.2024

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS PERSONAGENS VANJU E LOURENÇA EM CAIS DA SAGRAÇÃO DE JOSUÉ MONTELLO

Alberto Pereira Martins Júnior

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD, Portugal

E-mail: albertojunior.itapecuru@gmail.com

Samira Diorama da Fonseca

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: diorama.10@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa abordar as semelhanças e as diferenças que existem entre as personagens Vanju e Loureça, no romance Cais da Sagração, do escritor Josué Montello. O breve estudo mostra traços importantes que levam o estudioso a refletir sobre o comportamento da mulher dentro da família patriarcal. O triângulo amoroso de Mestre Severino, Vanju e Loureça traz marcas que ainda existem na sociedade brasileira, a exemplo da submissão da mulher e da misoginia, problemas que são repassados de pai para filho. Na obra Cais da Sagração, as personagens femininas vão se encontrar e se separar pela forma de tratamento que é dispensada pelo barqueiro. Cabe então ao estudioso observar e tirar suas próprias conclusões sobre a sociedade daquele início do século XX até a atualidade. Para saber sobre as semelhanças e as diferenças entre Vanju e Loureça, utilizou-se como fundamentação nomes de importantes teóricos como Mary del Priore, Sueann Caulfield, Todorov, entre outros que serviram de base para este pequeno estudo aqui desenvolvido. O romance Cais da Sagração, publicado no ano de 1971, mas, até os dias atuais, segue sendo uma história atemporal, pois infelizmente, na sociedade brasileira ainda é possível encontrar alguns Mestres Severinos, Vanjus e Lourenças, personagens de muitas tragédias nos lares das chamadas família tradicional.

Palavras-chave: Semelhanças; Diferenças; Sociedade; Cais da Sagração; Vanju; Loureça.

SIMILARITIES AND DIFFERENCES IN THE CHARACTERS VANJU AND LOURENÇA IN CAIS DA SAGRAÇÃO BY JOSUÉ MONTELLO

ABSTRACT

The present work aims to address the similarities and differences that exist between the characters Vanju and Loureça, in the novel Cais da Sagração, by the writer Josué Montello. The brief study shows important traits that lead the scholar to reflect on the behavior of women within the patriarchal family. The love triangle of Mestre

Severino, Vanju and Lourença brings marks that still exist in Brazilian society, such as the submission of women and misogyny, problems that are passed on from father to son. In the work Cais da Sagração, the female characters will meet and separate due to the form of treatment given by the boatman. It is then up to the scholar to observe and draw his own conclusions about society from the beginning of the 20th century to the present day. To find out about the similarities and differences between Vanju and Lourença, the names of important theorists such as Mary del Priore, Sueann Caulfield, Todorov, among others, were used as a basis for this small study developed here. The novel Cais da Sagração, published in 1971, certainly continues to be a timeless story up to the present day, because unfortunately, in Brazilian society it is still possible to find some Mestres Severinos, Vanjus and Lourenças, characters of many tragedies in homes of the so-called traditional family.

Keywords: *Similarities; Differences; Society; Wharf of Sagração; Vanju; Lawrence.*

1. INTRODUÇÃO

É fato que há na literatura de Josué Montello um encanto que convida o leitor a se debruçar sobre suas obras e não as largar enquanto não findar a leitura. Mas não é só isso que ocorre, não é apenas ficção, é também a História da sociedade maranhense servindo de alicerce para seus romances, contos e crônicas. Essa mesclagem de ficção com realidade do tempo-espaço, faz com que a leitura se torne mais atraente, e chegue a confundir o que é ficção e o que é real.

A obra montelliana que será aqui estudada será *Cais da Sagração*, romance mais traduzido para outras línguas, o mais lido também. A história que se passa em uma cidade praiana do interior do Maranhão e traz em seu arcabouço temáticas importantes para se compreender a sociedade do início do século XX, como por exemplo, o patriarcalismo, o adultério, a violência contra a mulher, a homofobia e a prostituição.

O personagem principal da obra é o barqueiro Mestre Severino que entra em uma espécie de desespero por não ter tido um filho com a mulher com quem vivia e acaba indo para São Luís, capital do estado buscar uma mulher, casando-se com ela no civil e no religioso, mesmo vivendo maritalmente com outra. Para piorar a situação, ele leva a mulher para residir na mesma casa em que a outra reside.

Saber o que as uni e o que as separa dentro desse ambiente é necessário para que se consiga compreender o perfil das mulheres tradicionais e das modernas, aquelas que viriam a quebrar tabus ou pelo menos tentavam quebrar os tabus impostos pelos seus maridos. Vanju e Lourença eram o estereótipo dessas mulheres; uma era a mulher tradicional, que se submetia a tudo o que o homem determinava, não falava, não questionava as decisões, apenas cuidava do lar, dos afazeres domésticos. O que o homem da casa decidisse, magoando ou não seus sentimentos, ela não murmurava. A outra era o inverso, além de ter todos os seus caprichos realizados, ela não cuidava

dos deveres do lar, tinha tudo o que queria, roupas, joias, calçados, bolsas, revistas, perfumes; seu trabalho, o único que tinha era ser bonita para seu marido e realizar seus prazeres sexuais quando este chegava das longas viagens.

Mas nem tudo era diferença, e neste trabalho o objetivo é justamente esse, saber onde estava as semelhanças entre elas, porque para além dessas diferenças de tratamento é possível que se encontre afinidades que as levam ao mesmo sofrimento nas mãos de Mestre Severino, como será possível perceber por meio deste trabalho.

2. MONTELLO: O MAGO DO ROMANCE MARANHENSE

O nome de Josué de Sousa Montello é um dos mais aclamados da literatura maranhense, ele figura ao lado de grandes nomes de escritores como: Gonçalves Dias, Aluísio e Arthur Azevedo, Graça Aranha, Ferreira Gullar, entre outros que contribuíram para o enriquecimento da produção literária no Brasil, mas Montello tem um diferencial, ele construiu sua carreira literária exaltando o Maranhão.

Josué Montello nasceu em São Luís em 21 de agosto de 1917. Estudou em escolas renomadas de São Luís, como a Escola Modelo Benedito Leite e no Liceu Maranhense. O escritor fez parte de grupos literários e passou a contribuir com textos para jornais da grande ilha, esses jornais eram: *O Imparcial*, *A Tribuna* e a *Folha do Povo*. Neles estão escritas crônicas, contos e ensaios.

Montello, para além da área das Letras, também construiu uma base sólida na educação, sendo reitor da Universidade Federal do Maranhão, a qual ajudou a fundar, diretor da Biblioteca Nacional e foi fundador do Museu da República. Além de outros cargos que exerceu ao longo de sua vida pública.

Contudo, Josué se destacava mesmo era na área da produção literária, seus romances famosos, a exemplo: *Cais da Sagração*, *Noite sobre Alcântara*, *Largo do Desterro*, *A Coroa de Areia* e o emblemático *Os Tambores de São Luís*, e tantos e tantos outros marcaram a trajetória literária do maranhense e o fizeram ser conhecido como o autor que construiu a Saga do romance Maranhense.

O Imortal da Academia Maranhense de Letras e estudioso da vida e obra do escritor, o professor e escritor José Neres, fala da seguinte forma sobre Josué Montello:

Polígrafo dos mais conceituados das letras nacionais, Josué Montello é o que se pode chamar de escritor completo. Sua produção intelectual está bem próxima de alcançar a marca de uma centena e meia de obras publicadas, e o material disperso em jornais e revistas é suficiente para mais algumas dezenas de livros (NERES, 2008, p.81).

Isso porque Montello não era apenas um exímio romancista, além disso ele também escreveu poemas, diários, literatura infantil e artigos, contos e crônicas como já mencionados aqui. Josué conseguiu conquistar prêmios importante da Academia Brasileira de Letras, como o Prêmio Coelho Neto, Prêmio Artur Azevedo, Prê-

mio Silvio Romero e, depois de tanto ser premiado pela maior instituição literária do país, conseguiu ser eleito aos trinta e sete anos de idade para a Casa de Machado de Assis, onde ocupou a cadeira de número 29, cujo patrono é Martins Pena. Para além disso, Josué Montello também fundou a cadeira de número 31 da Academia Maranhense de Letras, a qual é patroneada por Raimundo Lopes da Cunha, outro polígrafo maranhense que se destacou no cenário nacional com estudos sobre etnologia.

O escritor de *Os Tambores de São Luís*, convida o leitor a viajar pela capital do estado, e ele mesmo faz a seguinte declaração sobre sua forma de escrever:

Tudo quanto escrevo, no âmbito da criação romanesca, viria, sobretudo, de minha vivência maranhense, já que minha província está em mim, com as margens e impressões recolhidas na terra natal. São Luís pulsa e se derrama na essência de meus romances. (MONTELLO, 1991, p.192).

Ao contrário de Aluísio Azevedo, que expunha sua crítica a sociedade maranhense, o Montello sutilmente tece críticas sobre essa mesma sociedade, mas também faz elogios ao lugar onde ele vive. Um saudosismo que remete o leitor a conhecer uma São Luís que já não existe mais, contudo, leva o leitor a refletir sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural do Estado.

É um verdadeiro mago das letras maranhenses, ele consegue criar narrativas com personagens ficcionais ao lado de figuras históricas, tudo isso com a História do Maranhão servindo de pano de fundo. A exemplo de *Cais da Sagração*, onde até o próprio título do livro remete ao enorme paredão de pedras que há na Avenida Beira-Mar, na capital do Estado e que era o porto por onde escoava a produção agrícola das cidades do interior para outros Estados. Mostra também o surgimento do novo porto, o Itaqui, que estava sendo construído e que se tornou um dos maiores portos do Brasil.

Em meio a isso tudo, é narrada a história de vida de um simples barqueiro, cidadão comum do litoral maranhense, que só tem um sonho, de ter um filho homem para ser herdeiro da profissão da família e do Bonança, barco que já passara por três gerações. E para isso ele não vai medir esforços e irá ultrapassar todos os limites.

3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE VANJU E LOURENÇA

Nas últimas décadas vê-se um crescente número de estudos sobre o gênero feminino, não apenas isso, mas também se depara com uma quantidade significativa de grupos de pesquisas ou núcleos de estudos dentro das universidades, que se debruçam sobre a temática da mulher nas inúmeras obras literárias do Brasil e do Mundo. Nomes como os das escritoras: Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Paulina Chiziane ou mesmo de Carolina de Jesus, figuram nos simpósios, *workshops* ou congressos das instituições de nível superior. E mesmo com essa crescente quantidade de estudos, ainda sim, percebe-se que há muito o que se estudar.

Quando se foca nas personagens femininas, eis que elas aparecem nos grandes clássicos da literatura, a exemplo de Helena, dos livros *Iliada* e *Odisseia*; Esmeralda, da obra *O Corcunda de Notre Dame*; Maria Moura, do romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz; as famosas, Lucíola, Cecília, Iracema, Emília, as famosas mulheres de José de Alencar; as de Machado de Assis, em especial, a famigerada Capitulina.

Depois de anos da dominação masculina na literatura, eis que se chega ao século em que os pesquisadores da literatura pousam o olhar sobre as personagens femininas, não mais como pecadoras, adúlteras ou quais quer outros adjetivos que as deprecie; agora a visão é sobre a luta das personagens que sobrevivem e se sobressaem em meio a uma sociedade preconceituosa que finge não compactuar com as arbitrariedades diárias que a mulher sofre muitas vezes em silêncio.

O feminismo foi adentrando nos estudos culturais e hoje já não se pode falar sobre literatura sem olhar para esse campo de estudo.

A intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os estudos culturais bem como para muitos outros projetos teóricos [...] Sabe-se que aconteceu, mas não se sabe quando nem onde se deu o primeiro arrombamento do feminismo. Uso a metáfora deliberadamente; chegou como um ladrão a noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais (HALL 2003, p. 208-209).

Graças a essa intervenção do feminismo hoje é possível se debruçar sobre a literatura com um outro ponto de vista. Ela passa a ser o foco principal, ela passa a ser analisada de acordo com o que a sociedade de determinada época julgava e comparada com a atual sociedade.

Neste sentido, aborda-se aqui o olhar feminino presentes no romance *Cais da Sagração*, de Josué Montello, que é um dos maiores romances do Estado do Maranhão, traçando um comparativo entre Lourença e a meretriz Vanju, uma tentativa de encontrar semelhanças e diferenças entre elas.

As personagens de Cais da Sagração, Lourença e Vanju, são totalmente distintas em alguns pontos, seus comportamentos diante do patriarcado e de uma sociedade intolerante são um pouco semelhantes. Josué Montello posiciona duas mulheres que perpassam por situações de misoginia até serem silenciadas, uma pelo sentimento do medo e a outra pelo silêncio da própria morte.

Lourença, companheira que vivera toda sua vida ao lado de Mestre Severino, culpava-se por ele ter se casado com outra mulher e o “pior”, com uma meretriz.

Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia, e a verdade é que ela não lhe tinha dado, ao fim de tantos anos, o filho que ele sempre deixava dentro dela, à noite, quando voltava das viagens.

— A culpa é minha, de mais ninguém (MONTELLO 1971, p.52).

Como uma escrava, serva fiel ao seu senhor, assim era a vida de Lourença, silenciosa diante de sua triste sina, mesmo com um fado tão pesado, a mulher era incapaz de erguer a voz ou dar sua opinião sobre as decisões do barqueiro, mesmo que tais atitudes fizessem com que ela padecesse, ainda sim, Lourença aceitava sem pestanejar, acatando todos os atos dele, muito embora “quando parava tudo como se não quisesse mais prosseguir, ficava a um canto de braços cruzados olhando a esmo, o coração apertado, com vontade de chorar. Acabava reagindo, e retomava o trabalho suspirando” (MONTELLO 1971, p. 52-53).

As atitudes de Lourença, submissa pelo fato de não ter conseguido ser mãe, é um retrato de muitas mulheres que silenciam diante do adultério do marido vendendo-os construírem prole fora do casamento, conformadas porque a outra poderá dar a felicidade que o esposo tanto sonhou. Antes tê-lo com outra dentro de casa do que viver sem ele, sozinha, sem ninguém para compartilhar um olhar, uma palavra que seja. Foi isso que ela pensou ao aceitar as tomadas de decisões de Mestre Severino.

O narrador posiciona Lourença como a mulher submissa ao patriarcado tão comum nos séculos XIX e XX. No livro, *A Conquista da América*, relata que “em matéria de emancipação feminina, a doutrina cristã estaria mais próxima de Aristóteles: a mulher é tão necessária para o homem quanto um escravo para o seu senhor”. (TODOROV, 2003, p. 94). É o que se percebe em *Cais da Sagração*, mesmo no momento da doença do barqueiro, Lourença estava ali cuidando de seu companheiro, como se nada tivesse acontecido nos anos que se passaram. Ela o esperou o período em que Severino esteve preso e cuidou como se fosse mãe e avó de Mercedes e Pedro, o tão esperado homem que herdaria a profissão de barqueiro.

Nessa perspectiva é importante ressaltar que o estereótipo de Lourença é o de mulher zelosa pela família e atenciosa para com o marido, porém com um detalhe: não havia família, porque ela era estéril. Esse problema para qualquer mulher poderá ser uma das piores pragas que pode haver na face da terra, sem filhos não havia descendência, passagem de ensinamentos adquiridos ao longo de anos, em suma era o fenecimento de qualquer plano familiar, e era exatamente isso que Lourença e Mestre Severino sentiam.

A esterilidade feminina era o pior fim de qualquer casal, de acordo com uma historiadora brasileira “a esterilidade feminina era como uma maldição. *Sem filhos, estas nu*, dizia um antigo provérbio ioruba. Os homens lutavam pela esposa mais fecunda” (PRIORE 2013, p.40-41). Ou seja, o brasileiro herdou dos africanos a necessidade de gerar filhos, de ter descendência e descendência sem controle, a exemplo são as antigas famílias e seus números altos de crianças. A famosa frase escrita no livro bíblico de *Gênesis*: “crescei e multiplicai-vos”, sempre esteve presente na construção das famílias.

Destarte, de acordo com a narrativa montelliana, um filho era a pedra angular para a continuação da história, e tal filho deveria ser homem, mulher não servia. O filho que não veio do relacionamento de Mestre Severino e Lourença e que acabou gerando um adultério, onde ela se considerada a culpada: “ Se eu tivesse um filho, nada disso tinha acontecido...” (MONTELLO 1971, p.53).

Lourença é a mulher fiel, que possui um amor infinito pelo barqueiro, Mestre Severino, independentemente de como ela está sendo tratada, seu excesso de amor idiopático leva-a a conviver com a outra dentro de sua própria residência, criar a filha dela e, posteriormente, o neto, como se fossem seus descendentes direto. A princípio parece um extremo absurdo escrito, mas em uma sociedade patriarcal, onde o medo da mulher para com seu cônjuge reverberava, tal atitude era comum. A máxima, “ruim com ele, pior sem ele”, causava um certo tipo de temor às mulheres que não sabiam viver sem um homem dentro de casa.

A reflexão da personagem que se martiriza pelas atrocidades que o marido lhe comete é deveras triste, isso porque ela dedica toda a vida e companheirismo a alguém que quer dar prosseguimento a dinastia de barqueiros. Sim, Lourença era tida como a mulher ideal para casar-se, segundo Priore (2013, p.69).

A reputação de boa esposa e de mulher ideal [...] a que não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestisse sobriamente, a que limitasse passeios quando o marido estivesse ausente, a que não fosse muito vaidosa nem provocasse ciúmes do marido.

Todas essas características faziam parte do caráter de Lourença, mas faltava-lhe a fecundidade e aí está sua desgraça total. Crer-se que se Lourença tivesse dado o rebento que era o desejo de Mestre Severino, talvez, não teria acontecido o matrimônio entre o barqueiro e a meretriz Vanju.

O sublime sentimento que a mulher nutria por Mestre Severino, fazia-a compreender essa obsessão do barqueiro por um filho do sexo masculino, porque de acordo com a narrativa, filho do sexo feminino não poderia tomar de conta de uma profissão tão grosseira quanto a de barqueiro. Ao se debruçar atentamente sobre o livro, chega-se a ter a impressão de que não há sentimento por parte do barqueiro e sim a busca constante de alguém de seu sangue que o substitua na profissão, uma vez que a idade avançada e o problema cardíaco o impediam de viver por mais muito tempo.

Para ele, em verdade, a família era uma dinastia de varões, e todos sobre as águas, indômitos, queimados de sol, rompendo as ondas com a quilha de seus barcos. Se pudesse retroceder no tempo, sabia que ia encontrar outros barqueiros como o pai, como o avô, como o bisavô, fiéis ao mar até a morte, numa interminável genealogia de nautas invencíveis (MONTELLO 1971, p.58).

Mas lamentavelmente a meretriz não deu o filho homem que o barqueiro tanto queria e o pior, ela se recusava a ter outra criança de Severino. Passemos então a uma pincelada sobre Vanju e suas diferença para com Lourença.

A personagem Vanju é o estereótipo da meretriz que deseja deixar o fardo de ser mulher da vida e venha a conseguir ter um casamento consolidado, ela queria se casar perante a um padre e a um juiz para causar inveja em suas companheiras. A ideia de sair de um prostíbulo em uma sociedade preconceituosa e extremamente patriarcal era praticamente nula, os homens jamais buscariam casamento com alguém que sobrevivia por meio de relações sexuais com vários homens. Vanju tivera muita sorte.

Comparando Lourença e Vanju logo se percebe a discrepância que há entre as duas. A mulher que fora escolhida por Mestre Severino para ser mãe de seu filho não se dava muito bem com os trabalhos domiciliares, as artes femininas não eram para Vanju. Preocupada apenas com sua beleza física, a meretriz vivia a folhear revistas que o barqueiro trazia das viagens que fazia a São Luís, banhava-se com água de cheiro, penteava-se, andava dentro da residência de um lado para o outro e por fim, ficava esperando o regresso do marido, em resumo a sua vida era basicamente esse tédio, muito diferente da vida que levava na capital São Luís, cheia de movimentação. Observa-se um pouco da vida de casada de Vanju, no fragmento abaixo:

Acordava tarde já com o sol alto, cuidava muito das unhas, levava mais de uma hora no banho cheiroso, perfumava-se com água-de-colônia, esquecia-se das horas a se olhar no espelho grande da penteadeira, todos os dias trocava de vestido. E eram muitos, valha-me Deus! E de todas as cores. Uns finos, que dava gosto afagar com a ponta dos dedos; outros de tecido esponjoso, que a gente embolava na mão e não amarfanhavam. Qualquer que fosse a cor da fazenda mesmo a das quaresmeiras sentava-se com Vanju. E como a moça mudava de penteado, minha Santa Luzia! Ora de cabelos soltos, que se derramavam para as espáduas, apenas com um pente grande no alto servindo de enfeite; ora com uma titã larga, de aço, que os prendia à altura do pescoço; ora topete levantado, com uma porção de grampos por dentro; ora de bombochas, que lhe arredondavam o rosto, sem conseguir enfeia-la (MONTELLO 1971, p.54-55).

O barqueiro Mestre Severino casa-se com uma prostituta, leva para viver na mesma casa em que vive maritalmente há mais de trinta anos e a trata como nunca tratou a sua companheira Lourença. A meretriz levava uma vida de rainha, despreocupada de tudo o que lhe cercava, aliás a sua única preocupação era dar prazer ao barqueiro logo que ele chegasse das viagens. Todos os afazeres eram por conta de Lourença, como se atesta na fala de Mestre Severino em um diálogo com o padre Dourado:

— A casa e a cozinha não lhe dava trabalho: Lourença cuidava de tudo com a bondade que o senhor conhece. As Vanju a bem dizer não tinha com o que se preocupar: vivia como uma rainha servida a tempo e a hora e eu a lhe adivinhar os desejos para fazer o que ela queria (MONTELLO 1971, p.111).

A explicação de Mestre Severino é uma tentativa de justificar o assassinato cometido por ele, muito embora nada justifique um uxoricídio.

Quem ler *Cais da Sagração* observa logo que há uma revisitação ao questionamento mais famoso da Literatura Brasileira, a existência ou não de uma traição. O

crime cometido por Mestre Severino não deixa claro que houve uma traição por parte de Vanju, mas o que é certo é que ela foi assassinada por quebrar algumas regras, entre as quais estava a de ficar debruçada na janela quando da passagem diária do novo promotor da comarca da cidade. O barqueiro vivia atormentado com a suspeita de uma traição, mas não teve a certeza, antes preferiu ceifar a vida de sua esposa numa tentativa de garantir a sua honra de marido. Atenta-se abaixo a confissão de Mestre Severino sobre o assassinato da esposa.

Matei você, Vanju, e tornou a dizer que não estou arrependido. Não havia outra saída. Antes que fosse tarde, cortei o mal pela raiz. Pensei muito, antes de me decidir. Passei muita noite em claro, com você dormindo do meu lado. Eu olhava você, clareada pela luz do candeeiro, e dizia comigo, vendo seu rosto tão bonito: será que vou ter coragem mesmo de acabar com ela? Mas era preciso, Vanju. Era preciso. Deus via bem que eu não podia recuar. Me agarrei com os meus santos para que dessem juízo a você enquanto era tempo. Não foi possível. Você, cada dia que passava, se derretia mais. Eu virando corno manso (MONTELLO, 1971, p. 137).

Vanju se transformou no estereótipo da mulher que não conseguiu se limitar a prisão de um lar sem amor, sem atenção, sem carinho, sem liberdade de ir e vir. Essa temática ainda pouco explorada no romance *Cais da Sagração*, faz com que se venha a refletir sobre a vivência feminina no século passado, onde o medo imperava no matrimônio, ou a mulher seguia os ditames do esposo ou sofria agressões e até mesmo pagava com a própria vida o fato de transgredir esses ditames, que foi o caso de Vanju.

É de suma importância observar que Lourença também sofre, muito embora não seja de maneira física, mas sim psicológica e moral, quando é desprezada pelo companheiro. Talvez o que uni as personagens seja exatamente isso, a falta de companheirismo de Mestre Severino, além da violência que ambas sofriam nas mãos do barqueiro.

Essa literatura que reflete a condição de mulheres em ambientes subdesenvolvidos do interior do Brasil vem sendo revelada mais nitidamente com os estudos femininos, dessa forma se pode observar como o modo de vida das mulheres era tão ligado ao do homem, por ela o ter como um porto seguro, um refúgio para todos os momentos, em especial os mais difíceis. Mesmo recebendo pouco amor e muita violência, ainda sim, muitas mulheres acreditavam que não conseguiam ser independentes e acabavam sendo violentadas dentro do matrimônio. No livro *Em Defesa da Honra*, de Susean Caulfield, encontra-se a seguinte afirmativa:

Durante as três primeiras décadas do século XX [...] incontáveis casos de violência doméstica viraram notícia de primeira página nos jornais populares [...] A opinião popular não interpretava as histórias dos julgamentos que inocentavam os assassinos da esposa como um triunfo da criminologia moderna, mas como uma evidência da sobrevivência de tradições patriarcais segundo as quais a honra masculina era determinada pela fidelidade sexual da mulher e de que a justiça criminal ainda permitia ao homem defender sua honra com violência (CAULFIELD, 2000, p.85).

Conforme a análise aqui apresentada, tanto Vanju quanto Lourença desconheciam o que era o amor de Severino. Se fizer uma comparação das duas, logo se observará que nenhuma se sobrepôs sobre a outra, não havia rivalidade, nenhum tipo de ódio ou sentimento semelhante por parte de ambas. Lourença silenciava a tudo o que via e ouvia sobre Vanju e esta tentou se comunicar, mas infelizmente nunca tivera resposta da outra. Como se atesta pelo fragmento a seguir:

— Por que é que você insiste em não falar comigo? [...] — Somos só nós duas dentro desta casa e eu preciso ter alguém com quem conversar [...]

— O que foi que eu lhe fiz? Não posso passar muda o tempo inteiro, quando Severino está viajando[...] Preciso que alguém me ouça, preciso que alguém me fale (MONTELLO, 1971, p.56).

Como ninguém ouviu a voz de Vanju, a tragédia se consumou e sem ter a quem pedir ajuda, ela teve sua vida ceifada pelo próprio marido que jurou amar e respeitar em todos os momentos. Seu assassinato não teve comprovação de que existiu ou não traição dela para com ele. Talvez tenha sido uma homenagem ao grande escritor Machado de Assis, cuja a infidelidade de Capitu para com Bentinho nunca fora comprovada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, vale ressaltar que *Cais da Sagração* é um livro com múltiplas temáticas que se apresentam ao estudioso da literatura e da sociedade, tais assuntos ainda são pouco explorados por pesquisadores, talvez seja pelo fato de que Josué Montello seja um autor que continua sendo pouco estudado nos bancos das escolas de ensino médio e também das universidades.

No caso do trabalho aqui apresentado buscou-se entender um pouco mais das diferenças e das semelhanças entre as duas mulheres da obra, ambas sofredoras nas mãos de um homem misógino que só se importava com a sua felicidade. A obra reflete traços de relacionamentos abusivos que trazem como principal problema a violência doméstica e que, possivelmente, terminarão com a morte de alguém ou de ambos, como comumente se observa nas páginas dos obituários eletrônicos.

Vanju e Lourença, diferentes em alguns aspectos, iguais em outros, naquele que tem sido as pragas existentes na maioria das famílias brasileiras: a misoginia e o patriarcalismo, que infelizmente continuam passando de pai para filho nas chamadas famílias tradicionais.

REFERÊNCIAS

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

MONTELLO, Josué. **Diário do entardecer**. Rio de Janeiro. RJ. Nova Fronteira, 1991.

NERES, José. **Montello**: O Benjamim da academia. São Luís. Carajás, 2008.

STUART HALL. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização Liv So-
vik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et. al. - Belo Horizonte: Editora UFMG;
Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

TODOROV, Tzevetan. **A Conquista da América**: a Questão do Outro. São Paulo, Ed.
Martins Fontes, 1983.